

VICE-POSTULAÇÃO DO OPUS DEI NO BRASIL, Av. Prof. Alfonso Bovero, 239.
CEP 01254, São Paulo, SP.

Esta FOLHA INFORMATIVA publica-se com censura eclesiástica



Gráficos CHESTERMAN

JOSEMARÍA ESCRIVÁ DE BALAGUER

Fundador do Opus Dei

FOLHA INFORMATIVA Nº2. SÃO PAULO, NOVEMBRO 1977

Monsenhor Josemaría Escrivá de Balaguer y Albás nasceu em Barbastro (Espanha) no dia 9 de janeiro de 1902. Fez o secundário em Barbastro e Logroño, e os estudos eclesiásticos na Universidade Pontifícia de Saragoça, onde se licenciou em Sagrada Teologia. Mais tarde, em Roma, obteria o grau de Doutor.

Fez o curso de Direito civil na Universidade de Saragoça, e depois doutorou-se na Universidade de Madrid. Em 1960, recebeu o grau de Doutor honoris causa em Filosofia e Letras, pela Universidade de Saragoça. Foi o primeiro Grão-Chanceler das Universidades de Navarra, na Espanha, e de Piura, no Peru.

Ordenado sacerdote no dia 28 de março de 1925, iniciou a sua atividade pastoral em paróquias rurais e, desde 1927, entre os pobres e enfermos dos subúrbios e dos hospitais de Madrid. Alguns anos mais tarde, foi nomeado Reitor do Real Patronato de Santa Isabel, também em Madrid, cargo que desempenhou até 1946, ano em que transferiu a sua residência para Roma.

Foi Consultor de diversas Comissões Pontifícias e Congregações de Santa Sé, Prelado Doméstico de Sua Santidade e membro da Pontifícia Academia Romana de Teologia.

A 2 de outubro de 1928, em Madrid, tinha fundado o Opus Dei, caminho de santificação no meio do mundo e fermento de intensa vida cristã em todos os ambientes. Em 14 de fevereiro de 1930, Mons. Escrivá de Balaguer fundou a Secção feminina do Opus Dei; e em 14 de fevereiro de 1943, dentro do Opus Dei, a Sociedade Sacerdotal da Santa Cruz. O Opus Dei recebeu a aprovação definitiva da Santa Sé em 16 de junho de 1950.

Com oração e penitência constantes, e com uma dedicação contínua e incondicional à Vontade de Deus, o Padre — como o chamam suas filhas e seus filhos, e outros muitos milhares de pessoas de todas as condições — impulsionou e guiou a expansão do Opus Dei por todo o mundo, ao longo de quarenta e sete anos; atualmente, o Opus Dei está estendido pelos cinco continentes, com mais de 70.000 sócios de mais de 80 nacionalidades.

A Santa Missa era a raiz e o centro da vida interior do Fundador do Opus Dei. O profundo sentido da sua filiação divina levava-o a procurar em tudo a mais completa identificação com Jesus Cristo, a viver uma terna e forte devoção à Santíssima Virgem e a São José, a cultivar um trato habitual e confiante com os Santos Anjos da Guarda, e a ser semeador de paz e de alegria por todos os caminhos da terra.

Mons. Escrivá de Balaguer tinha oferecido repetidas vezes a sua vida pela Igreja e pelo Romano Pontífice. O Senhor acolheu esse oferecimento, e o Padre entregou santamente a sua alma a Deus, em Roma, no dia 26 de junho de 1975, no seu quarto de trabalho, com a mesma simplicidade que caracterizou toda a sua existência.

Seu corpo repousa na Cripta do Oratório de Santa Maria da Paz — Viale Bruno Buozzi 75, Roma —, continuamente acompanhado pela oração e pelo agradecimento de suas filhas e seus filhos, e de inúmeras pessoas que se aproximaram de Deus, atraídas pelo exemplo e pelos ensinamentos do Fundador do Opus Dei.

Falar com Deus

Jesus Cristo, meus filhos, nos dá o exemplo e nos ensina a fazer oração. Pela manhã, ainda de madrugada, saiu para um lugar solitário e ali fazia oração (Marc I, 35). Comove-me essa urgência — de madrugada, faz notar São Marcos —, para dialogar com o Pai Eterno...

Mons. Escrivá de Balaguer contempla a oração de Jesus e aplica o exemplo à sua própria vida. Na sua luta diária, a sua única ambição foi esta: chegar a um convívio íntimo e contínuo com Deus Nosso Senhor; ser alma contemplativa, alma de oração.

A sua passagem pela terra já terminou, e, como uma constante da sua biografia, descobrem-se nela as etapas a que se refere em *Caminho: Ao te oferecer aquela História de Jesus, pus como dedicatória: “Que procures a Cristo. Que encontres a Cristo. Que ames a Cristo”* (1).

O Fundador do Opus Dei foi um sacerdote que sempre falava de Deus ou falava com Deus. Conduziu milhões de almas pelos caminhos da oração, com o seu exemplo, com a sua palavra, com os seus escritos.

Tu e eu — dizia — queremos alcançar a santidade... E para isso é necessário que nos identifiquemos com Cristo, que nos revistamos de Cristo: *induimini Dominum Iesum Christum!* (Rom XIII, 14). Todos temos de ser *ipse Christus*, filhos da minha alma: o próprio Cristo. Mas cada um tem que ver como põe essa veste de que fala o Apóstolo; cada um, pessoalmente, tem que dialogar com o Senhor.

Portanto, o que faremos tu e eu? Ter muita intimidade com o Senhor, procurá-lo, como Pedro, para ter uma conversa íntima com Ele. Repara bem que falo de conversa: diálogo a dois, face a face, sem nos escondermos no anonimato. Precisamos dessa oração pessoal, dessa intimidade, desse trato direto com Deus Nosso Senhor.

Mons. Escrivá de Balaguer nunca dava receitas pré-fabricadas sobre o modo de falar com Deus. Ensinava que a oração pessoal não se reduz a um modelo único: cada alma tem o seu modo específico, segundo a sua própria maneira de ser e as necessidades do momento: **Não indico o modo como cada um deve fazer a oração: é algo de muito pessoal... Só vos dou umas indicações gerais; depois, cada um segue o seu próprio caminho, diferente do dos outros.**

Capa: *Mons. Escrivá de Balaguer, depois de uma tertúlia no Centro de Estudos de Extensão Universitária (São Paulo), no dia 25 de maio de 1974.*



Mons. Escrivá de Balaguer rezando no Santuário de Nossa Senhora de Luján (Argentina), no dia 12 de junho de 1974. A seu lado, o atual Presidente Geral do Opus Dei, Revmo. Dr. Álvaro del Portillo, e o Pe. Javier Echevarría, Secretário Geral da Obra.

Não é raro, porém, ouvir a alguns esta pergunta: como fazer oração? O Fundador do Opus Dei nos responde, numa homilia pronunciada em 4 de abril de 1955:

Como fazer oração? Atrevo-me a garantir, sem receio de me enganar, que há muitas maneiras de orar; infinitas, poderia dizer. Mas eu quereria para todos nós a autêntica oração dos filhos de Deus, não o palavreado dos hipócritas, que ouvirão Jesus dizer-lhes: *Nem todo aquele que diz: Senhor!, Senhor!, entrará no reino dos céus* (Matth VII, 21). Os hipócritas podem conseguir talvez o ruído da oração — escrevia Santo Agostinho —, mas não a sua voz, porque aí falta vida (2), e está ausente a ânsia de cumprir a Vontade do Pai. Que o nosso clamar — Senhor! — se una ao desejo eficaz de converter em realidade essas moções interiores que o Espírito Santo desperta na alma.

Temos que esforçar-nos para que não haja em nós a menor sombra de duplicidade. O primeiro requisito para desterrar esse mal, que o Senhor condena duramente, é procurar comportar-se com a disposição clara, habitual e atual, de aversão ao pecado. Energicamente, com sinceridade, devemos sentir, no coração e na cabeça, horror ao pecado grave. E numa atitude profundamente arraigada, temos que detestar também o pecado venial deliberado, essas claudicações que, embora não nos privem da graça divina, debilitam os canais por onde ela nos chega.

Nunca me cansei e, com a graça de Deus, nunca me cansarei de falar de oração. Por volta de 1930, quando se aproximavam deste sacerdote então jovem pessoas de todas as condições — universitários, operários, sãos e enfermos, ricos e pobres, sacerdotes e leigos —, que procuravam acompanhar o Senhor mais de perto, sempre lhes aconselhava: rezem! E se algum deles me respondia: nem sequer sei como começar, recomendava-lhe que se pusesse na presença do Senhor e lhe manifestasse a sua inquietação, a sua aflição, com essa mesma queixa: Senhor, não sei! E, quantas vezes!, naquelas humildes confidências se concretizava a intimidade com Cristo, um trato assíduo com Ele.

Muitos anos transcorreram, e não conheço outra receita. Quem não se considere preparado recorra a Jesus, como faziam os seus discípulos: *Ensina-nos a orar!* (Luc XI, 1). Logo verificará como o Espírito Santo ajuda a nossa fraqueza; pois, não sabendo o que havemos de pedir nas nossas orações, nem a forma conveniente de exprimir-nos, o mesmo Espírito ora por nós com gemidos inexplicáveis (Rom VIII, 26), que não se podem contar, porque não há formas adequadas para descrever a sua profundidade.

Que firmeza deve produzir em nós a Palavra divina! Não inventava nada quando — ao longo do meu ministério sacerdotal — repetia e repito incansavelmente esse conselho. Foi tirado da Escritura Santa; foi nela que o aprendi: Senhor, não sei dirigir-me a Ti! Senhor, ensina-me a orar! E logo vem toda essa assistência amorosa — luz, fogo, vento impetuoso — do Espírito Santo, que acende a chama e a torna capaz de provocar incêndios de amor.

Orar, pois, é falar com Deus. Mas de quê? — De quê? D'Ele e de ti; alegrias, tristezas, êxitos e malogros, ambições nobres, preocupações diárias..., fraquezas; e ações de graças e pedidos; e Amor e desagravo.

Em duas palavras: conhecê-Lo e conhecer-te — ganhar intimidade! (3).

(1) cfr. *Caminho*, n. 382

(2) Santo Agostinho, *En. in Ps.*, 139,10

(3) *Caminho*, n. 91

Entre os pobres e os doentes de Madrid

No dia 2 de outubro de 1928, Mons. Josemaría Escrivá de Balaguer recebeu na sua alma a semente do Opus Dei, e desde então entregou-se com generosidade à tarefa que havia de preencher o resto da sua vida: quase cinquenta anos abrindo caminhos para o serviço do Senhor e da sua Igreja. Certa vez, em suas conversações, contou qual foi o alicerce do edifício que, por vontade de Deus, tinha que levantar. Em 19 de março de 1975, conversando com um grupo de filhos seus, em Roma, recordava:

“Que meios empreguei? (...) Fui buscar fortaleza nos bairros mais pobres de Madrid. Horas e horas por toda a parte, todos os dias, a pé, de um lado para outro, entre pobres envergonhados e pobres miseráveis, que não tinham nada de nada; entre crianças com os moncos na boca, sujos, mas crianças, que quer dizer almas agradáveis a Deus. Que indignação sente a minha alma de sacerdote quando dizem agora que as crianças não devem confessar-se enquanto são pequenas! Não é verdade! Têm que fazer a sua confissão pessoal, auricular e secreta, como os outros. E que bem, que alegria! Foram muitas horas naquele trabalho, mas tenho pena de que não hajam sido mais. E nos hospitais, e nas casas onde havia doentes, se se pode chamar casas àqueles tugúrios... Eram gente desamparada e

doente: alguns, com uma doença que então era incurável, a tuberculose.

De modo que fui buscar os meios para fazer a Obra de Deus em todos esses lugares. Entretanto, trabalhava e formava os primeiros que tinha à minha volta. Havia uma representação de quase tudo: havia universitários, operários, pequenos empresários, artistas...

Foram anos intensos, em que o Opus Dei crescia para dentro sem o percebermos. Mas quis dizer-vos — um dia vo-lo contarão com mais detalhes, com documentos e papéis — que a fortaleza humana da Obra foram os doentes dos hospitais de Madrid: os mais miseráveis; os que viviam em suas casas, perdida até a última esperança humana; os mais ignorantes daqueles bairros extremos. Estas são as ambições do Opus Dei, os meios humanos que empregamos: doentes incuráveis, pobres abandonados, crianças sem família e sem cultura, lares sem fogo e sem calor e sem amor. E formar os primeiros que vinham, falando-lhes com uma segurança completa de tudo o que se faria, como se já estivesse feito...

E depois, Deus nos levou pelos caminhos da nossa vida interior, pelos que nos são específicos. O que é que eu procurava? *Cor Mariae Dulcissimum, iter para tutum!* — “Coração Dulcíssimo de

Maria, preparai-nos um caminho seguro!” —. Procurava o poder da Mãe de Deus, como um filho pequeno, seguindo por caminhos de infância. Recorri a São José, meu Pai e meu Senhor. Interessava-me vê-lo poderoso, poderosíssimo, chefe daquele grande clã divino, a quem o próprio Deus obedecia: *erat subditus illis!* — “e lhes era submisso!” —. Recorri à intercessão dos santos com simplicidade (...) Recorri aos Santos Anjos com confiança, com puerilidade, sem reparar que Deus me metia — vós não tendes que imitar-me, viva a liberdade! — por caminhos de infância espiritual.

Que pode fazer uma criatura que deve cumprir uma missão, se não tem meios, nem idade, nem ciência, nem virtudes, nem nada? Ir ter com sua mãe e seu pai, recorrer aos que podem alguma coisa, pedir ajuda aos amigos... Foi o que eu fiz na vida espiritual. Mas, isso sim, a golpes de disciplinas — de penitência, de expiação —, marcando o compasso”.

É difícil hoje fazer uma idéia da indigência em que viviam então alguns setores periféricos de uma cidade como Madrid, que, à semelhança de outras capitais europeias, tinha visto duplicar em poucos anos o número de seus habitantes. Uma boa parte daquelas 800.000 almas eram migrantes, que povoavam, em duríssimas condições, os novos bairros do cinturão urbano, como os de Tetuán e Vallecas.

Naquela época, Mons. Escrivá de Balaguer, além do seu trabalho fundacional do Opus Dei, era capelão da Obra Apostólica do Patronato dos Enfermos, na rua Santa Engrácia (hoje Garcia Morato), perto da Praça Alonso Martínez. Era uma obra beneficente das Damas Apostólicas, fundadas poucos anos antes por D.^a Luz Rodríguez Casanova, que atendia pobres e doentes, proporcionando-lhes tanto socorro material como espiritual, e a instrução necessária para receber os Santos Sacramentos.



Madrid. Patronato dos Enfermos.

Uma das primeiras Damas Apostólicas escreveu acerca daqueles anos já longínquos:

“Foi um grande benefício para nós ter D. Josemaría como capelão do Patronato. Lembro-me das nossas atividades apostólicas pelos bairros extremos de Madrid; os hospitais estavam abarrotados e os doentes morriam em suas casas. Procurávamos os de maior gravidade e menor assistência, para ajudá-los espiritual e materialmente.

“E naquele ambiente, D. Josemaría se tornou imprescindível para nós. Cuidava dos atos de culto da Casa: Missa, exposição do Santíssimo, terço. Não tinha obrigação de atender às nossas obras de caridade. Contudo, D. Josemaría entregou-se sempre, sacrificada e desinteressadamente, ao ingente número de pobres e doentes que via ao alcance do seu coração sacerdotal. Desta maneira, quando tínhamos um doente que ia morrer afastado da graça, confiávamo-lo a D. Josemaría, na certeza de que seria bem atendido. Não me lembro de um só caso em que fracassássemos no nosso propósito.

“Grande trabalhador e de uma atividade constante, dedicava-se a cada um sem pressa, como se não tivesse outra coisa que fazer. Visitava-os, levava-lhes a Comunhão e administrava-lhes outros Sacramentos. Para dar uma idéia daquele trabalho assistencial em que D. Josemaría assumia uma parcela tão importante, destaco, do nosso Boletim Trimestral, o fato de que em 1927 visitamos de quatro a cinco mil doentes, houve mais de três mil confissões e foram distribuídas outras tantas Comunhões; administraram-se quase quinhentas Extrema-unções e mais de cem Batismos, e celebraram-se de setecentos a oitocentos casamentos.

“Além disso, D. Josemaría ia aos colégios que tínhamos nos bairros madrilenhos, que eram cinquenta e oito,

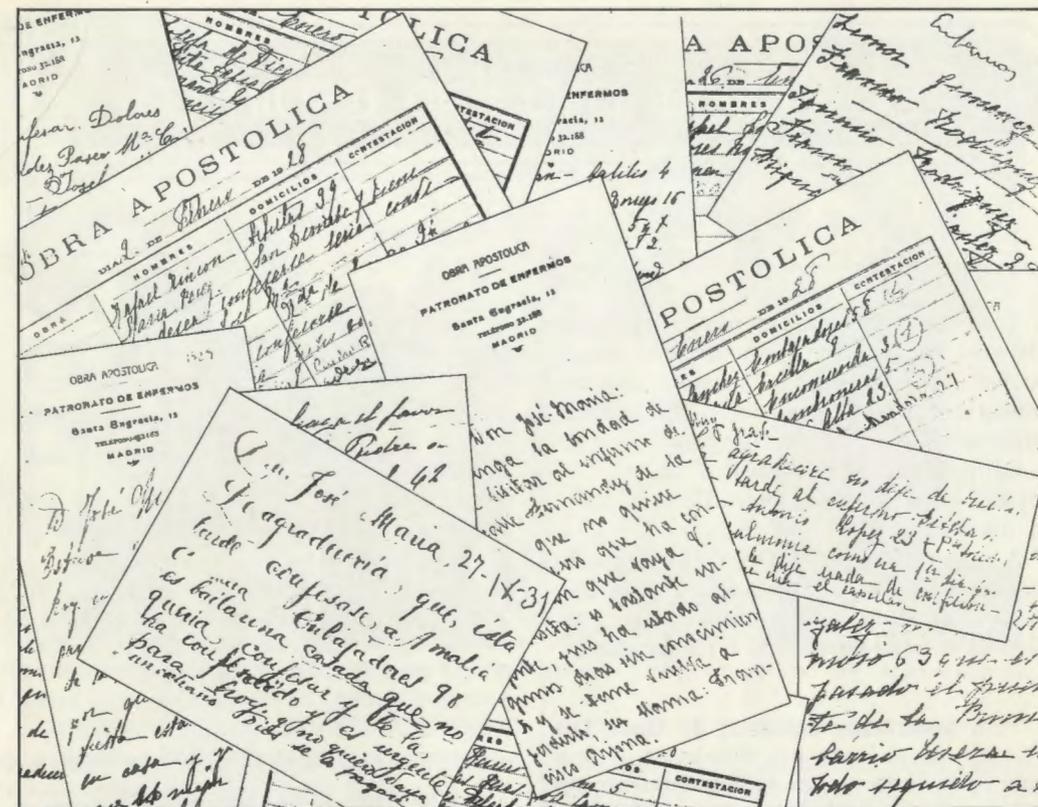
com doze mil crianças. Dava palestras e conversava amistosamente com os meninos, servindo-se de toda a sua simpatia pessoal, de toda a sua energia de apóstolo, para levá-los ao conhecimento e ao amor de Jesus Cristo. Na nossa casa de Santa Engrácia, D. Josemaría falava também às pessoas lá acolhidas, dialogando com todos: falava-lhes singelamente da doutrina cristã e ocupava-se dos seus problemas. Era um amigo e um santo sacerdote”.

O Patronato dos Enfermos era, com efeito, uma grande obra de beneficência, da qual o Padre conservou sempre uma recordação cheia de carinho.

Escreve uma das pessoas que ajudavam as Damas Apostólicas: “D. Josemaría levava a Comunhão aos doentes, tanto em Tetuán das Vitórias como no Passeio da Extremadura, em Magín Calvo, em Vallecas, Lavapiés, San Millán, no bairro do Lucero ou na Ribeira do Manzanares. Também confessava no Patronato os que podiam deslocar-se até Santa Engrácia. Aos domingos, reuniam-se no Patronato os rapazes dos colégios que as Damas Apostólicas tinham nos diversos bairros. D. Josemaría os confessava, e, várias vezes por ano, organizavam-se primeiras Comunhões. Houve anos em que comungaram pela primeira vez mais de quatro mil crianças”.

Em maio de 1974, numa tertúlia que houve em São Paulo, durante uma das viagens de catequese dos seus últimos anos, o Padre, ao responder a um médico, recordava a sua atividade entre os pobres e doentes de Madrid:

“Vou te contar uma coisa, meu filho. Havia um sacerdote jovem que tinha de cumprir uma missão... mundial. Não tinha virtudes, e agora também não as tem: passaram-se quase cinquenta anos, quarenta e sete... Não possuía virtudes nem dinheiro. Não tinha senão juven-



Há centenas de notas como estas, dirigidas a D. Josemaría, dando-lhe notícia de pessoas que necessitavam de sua atenção. Em algumas delas, podem ver-se ainda os números que escrevia, para organizar o seu roteiro pelas ruas de Madrid.

tude, bom humor e graça de Deus. Gostava muito de visitar os doentes pobres, e certa vez — como tantas outras — encontrava-se à cabeceira de um rapaz jovem, moribundo, desses que te dão pena. Eu também sinto pena, mas naquele momento tive inveja dele. Vi que aquela alma ia direta, purificada, para o Senhor e lhe disse: sinto inveja de ti! Foi-se muito consolado, muito contente”.

Poucas horas mais tarde, falando de trabalho, o Padre completou o relato:

“É muito cômodo morrer (...) A única vez que o desejei por uns momentos foi à cabeceira daquele moribundo, sendo eu um jovem sacerdote. Senti inveja dele. Disse comigo: este vai mesmo para o Céu! Além disso, pensei que essas palavras o consolavam, como efetivamente o conso-

laram. O Senhor me premiou, porque fui fazendo oração subindo dali de baixo — aquilo era um descampado — até Atocha e andando depois até Santa Engrácia, pela praça Alonso Martínez”.

Em outros números desta Folha informativa nos ocuparemos da atividade sacerdotal de Mons. Escrivá de Balaguer nos hospitais de Madrid, a que também se dedicou com especial intensidade durante aqueles anos.

Bem se pode pensar que o Fundador do Opus Dei refletia uma viva experiência pessoal ao escrever no ponto 419 de Caminho: “Criança — Enfermo. — Ao escrever estas palavras, não sentis a tentação de as pôr com maiúscula?

É que, para uma alma enamorada, as crianças e os enfermos são Ele”.

Sob o seu impulso espiritual

Com a sua fidelidade heróica à Vontade divina, com oração e mortificação incansantes, e com um trabalho cheio de esperança a serviço da sua missão, Monsenhor Josemaría Escrivá de Balaguer inspirou e dirigiu, durante 47 anos, o desenvolvimento apostólico do Opus Dei em todo o mundo.

A principal tarefa da Obra é a formação dos seus sócios para que cada um realize, individualmente, o seu trabalho apostólico de cristão no mundo e na sociedade.

...o apostolado essencial do Opus Dei — são palavras do seu Fundador — é o que cada sócio realiza individualmente no lugar em que trabalha, com sua família, entre seus amigos. Uma atividade que não chama a atenção, que não é fácil de traduzir em estatísticas, mas que produz frutos de santidade em milhares de almas, que vão seguindo a Cristo, silenciosa e eficazmente, no meio da atividade profissional de todos os dias (Questões Atuais do Cristianismo, n.º 71).

No entanto, tal como ele mesmo respondia à pergunta de um jornalista: Além disso, o Opus Dei, como corporação, promove, com o concurso de um grande número de pessoas que não estão associadas à Obra — e que muitas vezes não são cristãs —, trabalhos corporativos, com que procura contribuir para a resolução dos problemas que o mundo atual enfrenta: centros educativos, assistenciais, de promoção e capacitação profissional, etc. (Questões Atuais do Cristianismo, n.º 84).

Aqui iremos recordando, de forma necessariamente breve, algumas das muitas obras apostólicas, com as mais diversas características, conforme as necessidades do lugar ou do momento, que nasceram sob o impulso espiritual do Fundador do Opus Dei.

SEIDO GAIKOKUGO KENKYUSHO Ashiya (Japão)

Poucas horas antes de o Senhor o ter chamado a Si, Mons. Josemaría Escrivá de Balaguer esteve reunido com um grupo de associadas da Obra de várias nacionalidades. Nessa tertúlia, que seria a última de sua vida, dirigiu-se a Michito, uma moça japonesa, com estas palavras:

“Deus Nosso Senhor te deu, com o Batismo, o sentido da Igreja. Reza pelos da tua terra, porque é um povo muito grande, para que conheçam a Jesus Cristo, e o amem, e o sirvam. Já sabem



Trabalho no laboratório de línguas de SEIDO



Roma, março de 1970. Mons. Escrivá de Balaguer com um grupo de japonesas do Opus Dei.

que agora as tuas irmãs do Japão estão preparando um colégio em Nagasaki. É preciso rezar para que desapareçam as dificuldades, para que possam começar a trabalhar lá quanto antes...”

Dezessete anos antes, a conselho de um Cardeal da Cúria Romana, o Bispo de Osaka pedira ao Fundador do Opus Dei que a Associação começasse o seu trabalho em terra japonesa. Em decorrência disso, Mons. Escrivá de Balaguer enviou ao Japão um sacerdote do Opus Dei, para preparar o começo do trabalho apostólico nesse país. Nos anos seguintes chegaram outros sócios da Obra: foram dos Estados Unidos, da Irlanda e da Espanha. Em 15 de julho de 1960, desembarcaram em Kobe as primeiras associadas do Opus Dei que tocavam terra japonesa.

O primeiro objetivo daqueles pequenos grupos de pessoas da Obra era entrar em contacto com a sociedade japonesa, conhecer a gente, fazer amizades. Acharam uma oportunidade no vertiginoso desenvolvimento econômico e cultural que se tinha iniciado depois da guerra mundial. Os japoneses sentiam vivamente a necessidade de dominar alguma língua ocidental, principalmente o inglês.

Daí nasceu SEIDO LANGUAGE INSTITUTE — ou SEIDO GAIKOKUGO KENKYUSHO, como se diz em japonês —, que foi a primeira obra corporativa do Opus Dei naquele país.

SEIDO está em Ashiya, uma pequena cidade situada entre os dois enormes núcleos urbanos de Osaka e Kobe que, com mais de quinze cidades satélites, abrigam uma população de aproximadamente oito milhões de habitantes e quase vinte universidades.

O primeiro local de SEIDO foi uma casa tipicamente japonesa: estrutura de madeira, assoalho de *tatami* e portas corredeiras de madeira e papel decorado. O Oratório ocupava uma sala simples, digna e recolhida; o Sacrário e alguns vasos sagrados eram presente de Mons. Escrivá de Balaguer, que, ao enviá-los, unia o amor à Eucaristia ao seu afeto por aquela grande nação do Extremo-Oriente.

Esta sede em breve se tornou insuficiente e, em 1962, o ensino de línguas era transferido para um edifício mais adequado, recém-construído.



Cerimônia de Batismo de um aluno. Administrando o Sacramento, o Pe. Soichiro Nitta, um dos primeiros sócios japoneses do Opus Dei que recebeu a ordenação sacerdotal.

“Eu vos acompanho com carinho — escrevia-lhes o Padre — e rezo sempre por vós. Que alegria ver essas conversões, e as outras que se pressentem!”

Deus abençoava a oração e o sacrifício. Pessoas de todas as condições se aproximavam da fé cristã, vindas de muito longe. O primeiro japonês da Obra — que mais tarde seria sacerdote — tinha-se convertido à fé em SEIDO, atraído inicialmente pelos valores humanos que lá encontrou. O Senhor lhe daria a fé e a vocação para o Opus Dei: **“Eu quero muito ao meu filho primogênito — dizia-lhe Mons. Escrivá de Balaguer em 1968, em Roma —; está de um modo especial no coração do Padre. Não que os outros japoneses não o estejam, mas o primogênito é o primogênito! Deus se excedeu contigo, com a sua graça; Jesus é o teu irmão, o teu Deus. Os que te conheceram eram estrangeiros... uma religião estrangeira; mas a Graça de Deus!... Quanto deves a Deus, e quanto O amas, e quanto Ele te ama! Deus te abençoe!”**

Em 1973, o número de alunos de SEIDO passou dos mil e duzentos e SEIDO teve que transferir-se para a sua sede atual onde, além da Escola de Línguas, se estabeleceu o SEIDO CULTURAL CENTER, com atividades diretamente apostólicas: cursos de introdução à Sagrada Escritura — no Japão, a Bíblia é um *best-seller* —; recolhimentos espirituais, a que também assistem não-católicos; aulas de catecismo, atenção sacerdotal...

Simultaneamente, criaram-se outros centros semelhantes, formando-se o SEIDO SYSTEM SCHOOLS, que também fornece material didático para o ensino de línguas a mais de cinquenta centros universitários.

Em Kioto nasceu o YOSHIDA GAKUSEI SENTA e a Secção feminina do Opus Dei abrigou a SHIMOGAMO ACADEMY, também em Kioto, e o OHARA BUNKA SENTA, em Ashiya.

O Fundador do Opus Dei acompanhou sempre com solicitude uma atividade que tinha nascido *sob o seu impulso espiritual*. Enviava frequentes sugestões e iniciativas que, durante anos, deram ânimo e direção a esse trabalho apostólico que começou com uma incumbência de Mons. Escrivá de Balaguer ao primeiro sócio do Opus Dei que esteve no Japão, recordando as primeiras comunidades cristãs no Extremo-Oriente: **“Quando chegares a Nagasaki, beija em meu nome aquela terra onde houve tantos mártires”**.

Agora já se tornou realidade o desejo que manifestara àquela sua filha japonesa, na sua última tertúlia. Em outubro de 1975, inaugurou-se o Centro NAGASAKI SEIDO e, em abril de 1978, começará a funcionar um colégio feminino, precisamente aquele a que Mons. Escrivá de Balaguer se referia na manhã do dia 26 de junho de 1975. Um outro colégio para rapazes está sendo promovido nesta cidade da ilha de Kyushu.

Escrevem-nos

DEIXOU A CADEIRA DE RODAS

Em junho de 1974, M. L. foi operada de um melanoma abdominal. Em dezembro do mesmo ano a doença manifestou-se novamente, e teve de ser submetida a outra intervenção cirúrgica. Uns meses depois, na madrugada de 18 de julho de 1975, acordou e percebeu que estava paralisada. Reagiu com muita paz interior: rezou e esperou o amanhecer.

Os médicos que a atenderam diagnosticaram um tumor na coluna, e indicaram que fosse operada em menos de vinte e quatro horas. Depois da operação, continuou sem o movimento das pernas e foi submetida, durante cinco meses, a um tratamento fisioterápico, sem resultado positivo; devido a isso, M. L. ficou já permanentemente numa cadeira de rodas.

Decorrido algum tempo, estando em São Paulo, teve notícia da vida santa de Mons. Escrivá de Balaguer e recebeu uma estampa com a oração para a devoção privada. Começou a rezá-la, convencida de que seria escutada.

Dez ou doze dias depois, teve que regressar ao Rio de Janeiro. No aeroporto, quando chegou em cadeira de rodas ao pé da escada do avião, M. L. conta que sentiu como que uma moção interior que a impelia a caminhar e, com decisão, disse ao comissário de bordo que providenciava a sua subida ao avião: **“Eu vou subir com as minhas próprias pernas”**. De fato, ergueu-se imediatamente, apoiou-se no corrimão da escada e, sozinha, foi subindo pouco a pouco até o avião. Uma semana depois já tinha recuperado a liberdade de movimentos, e agora caminha normalmente.

O médico que a tinha operado da coluna mostrou-se profundamente impressionado quando, um dia, a encontrou por acaso no hospital. Custava-lhe acreditar que era verdade o que via.

P.B., de São Paulo

DESAPARECEU A FEBRE

M. R. ficou de cama, e, decorridos poucos dias, foi internada num hospital. De repente, uma noite, a temperatura da moça subiu muitíssimo, acompanhada de uma lancinante dor de cabeça. A situação era tão grave que todos pensaram que ia falecer; a doença ainda não tinha sido diagnosticada. Nesse momento crítico, sua tia lembrou-se da estampa com a oração para a devoção privada a Mons. Escrivá de Balaguer, que tinha na bolsa, pegou nela e a pôs entre as mãos da moça, enquanto lhe pedia que repetisse com ela as palavras da Ave-Maria. Três minutos depois baixava a temperatura e cedia a dor de cabeça, até desaparecer.

Mais tarde, a doença foi diagnosticada como meningite. Há poucos dias, M. R. deixou o hospital. Durante todo esse tempo a estampa esteve sob o seu travesseiro.

I.M., de Londres (Inglaterra)

25 TONELADAS

Meu marido estava lavando um caminhão de 9 toneladas, carregado com banha de porco, ao lado da nossa casa, situada no bairro Buenos Aires, a leste de Medellín, numa ladeira bastante íngreme. Quando se preparava para levar o caminhão para a garagem, depois de ter ligado o motor, o veículo começou a rodar sem controle pela ladeira. Dado o peso — 9 toneladas de tara e 16 de carga; ao todo, 25 —, era impossível detê-lo nesse momento, por meios mecânicos ou de outra espécie. Meu marido fazia por controlá-lo, utilizando a caixa de velocidades, mas era inútil.

Ao observar tudo isto, a minha preocupação foi imensa; mas, em vez de sair à rua, entrei no meu quarto com muita pressa, à procura da estampa do Padre, e lhe disse: "Padre, salva-o, que é teu filho; e foste tu mesmo que há pouco lhe conseguiste esse trabalho, depois de ouvires nossas súplicas de um emprego para ele". Eu rezei, como sempre faço, com uma fé e um fervor muito grandes.

Passados trinta segundos, aglomeraram-se todos os vizinhos à porta da minha casa para me contarem, cheios de uma emoção e um pismo imensos, que o meu marido nada tinha sofrido e que também não se havia causado nenhum dano a pessoas, carros ou casas. Repetiam que não tinham explicação para o fato de num determinado momento o caminhão ter freado na descida, de forma instantânea. Perguntaram-me por que não tinha eu saído para ver o que ia acontecer, ao final do percalço; mas respondi-lhes que primeiro fora pedir ao Padre que fosse ele quem nesse momento dirigisse o caminhão, para que não acontecesse nada.

Nessa noite tive que distribuir várias estampas do Padre, já que meus vizinhos sustentavam que aquilo tinha sido um milagre, pois um veículo tão pesado podia ter causado uma catástrofe.

Depois que tudo passou, um mecânico revisou o caminhão e comprovou que o cardã tinha rebentado; quando essa peça se danifica, deixam de funcionar os freios de ar e até mesmo o freio do motor que esse tipo de veículos possui.

E.M.A., de Medellín (Colômbia)

DESAPARECEU A DOR

Minha mãe padeceu durante muitos anos intensas dores produzidas por uma hérnia na coluna vertebral. Há pouco mais de um ano foi operada e uniram-lhe duas vértebras na região lombar, enxertando um pedaço de osso de uma perna.

Tinha permanecido sem sintomas desde essa intervenção, até que reapareceram as dores de forma progressiva, faz uns dois meses. Resolveu ficar de cama, sem nenhum exame médico. Mas a situação começou a tornar-se crítica, ao ponto de não poder mexer-se nem sequer para se virar ou levantar-se o mínimo indispensável. Foi então que comecei a preocupar-me seriamente, pensando inclusive na presença de uma possível tumoração maligna, como provável etiologia. No meio da angústia

que isso me produzia, lembrei-me de sugerir-lhe que se encomendasse ao Padre, e que lhe oferecesse as dores pela intenção que ele quisesse. Fiz chegar às suas mãos uma estampa com a oração para a devoção privada.

O resultado foi algo de extraordinário, pois logo no mesmo dia em que começou a rezar ao Padre, pôde levantar-se à tarde, distraído-se, por algum tempo, a preparar a comida. No dia seguinte já se levantou cedo e, até o dia de hoje, leva uma vida absolutamente normal.

E.B.M., de Santiago do Chile (Chile)

DO TÚMULO DO PADRE

Meu pai é uma pessoa cheia de virtudes mas, ainda que esteja batizado, não se interessava pelas práticas religiosas. Tive ocasião de visitar a cripta onde está enterrado Mons. Escrivá de Balaguer. Rezei intensamente a ele, pedindo pela conversão de meu pai. Era meio-dia. Como nas Filipinas vamos sete horas adiantados em relação à Europa, lá deviam ser cerca de dezenove horas quando pedi essa graça. Pelas nove da noite, meu pai surpreendeu a minha mãe ao perguntar-lhe se haveria Missa no dia seguinte, Quinta-Feira Santa. Foram juntos à Missa nesse dia, e assistiram aos ofícios de Sexta-Feira Santa.

Agora meu pai está levando a sério os seus deveres religiosos.

X.X., de Manila (Filipinas)

RECUPERAÇÃO INESPERADA

Meu irmão fraturou uma vértebra do pescoço. Logo se verificou que não era capaz de mover nenhum membro e que tinha perdido toda a sensibilidade corporal. Uma cura completa parecia impossível. Muitos amigos e conhecidos começaram a recorrer à intercessão de Mons. Escrivá de Balaguer. Algumas dessas pessoas fizeram uma viagem a Roma, e puderam rezar por ele junto do túmulo do Fundador do Opus Dei. Após uma série de inesperados progressos em sua enfermidade, foi considerado totalmente restabelecido, física e mentalmente. Para mim, isto é como um milagre.

M.D., de Colônia (Alemanha)

VOLTOU ESPONTANEAMENTE

Imensamente angustiada pelas condições psíquicas de meu filho, que tinha fugido do hospital onde estava internado, recorri a Maria Santíssima e rezei com fé viva a oração a Mons. Escrivá de Balaguer: eram três horas da tarde. As três e dez minutos, um irmão meu, que nada sabia do que se tinha passado, telefonou ao hospital interessando-se pelo meu filho, e recebeu a inesperada notícia de que cinco minutos antes havia regressado por si mesmo. Estou rezando o terço em ação de graças, e continuarei a novena a Mons. Escrivá de Balaguer.

X.X. de Milão (Itália)

Por um favor de grande importância para a minha vida espiritual, que obtive mediante a intercessão de Mons. Escrivá de Balaguer, envio uma esmola para a publicação da sua Folha informativa.

R.C., de Madrid (Espanha)

Pedido a Mons. Escrivá de Balaguer: "que o número de autênticas vocações religiosas aumente na minha Congregação, para atender a tantas paróquias que precisam de nós". Graça concedida: "ingressaram trinta jovens excelentes e continuam ingressando mais. Louvado seja Deus!"

M.N., de Arequipa (Peru)

Meu pai estava resolvido a cortar relações com a família. Com isto, a situação de minha mãe e de seus seis filhos era extremamente angustiante. Minha mãe e eu começamos a encomendar o assunto a Mons. Escrivá de Balaguer. Em poucos dias meu pai reagiu favoravelmente.

X.X., de Maracaibo (Venezuela)

Durante sete anos não havia recebido os Sacramentos. Depois de rezar a oração a Mons. Escrivá de Balaguer, confessei-me e, desde então, faço-o regularmente.

X.X., de Ibadan (Nigéria)

Meu marido esteve bastante tempo sem trabalho. Confiei o assunto a Mons. Escrivá de Balaguer, e arranhou providencialmente um emprego. Agradecida, mandei-lhes uma ajuda econômica para as suas obras de apostolado.

M.S., de Chicago (E.U.A.)

Fiz uma novena a Mons. Escrivá de Balaguer, pedindo por um filho meu, sacerdote, que parecia desviar-se do seu caminho. No quarto dia da novena, chamou-me para me dizer que tinha mudado completamente, e que desejava ser muito fiel. Continua nesse propósito tão bom. Que Monsenhor seja glorificado.

X.X., de Dublin (Irlanda)

Fazia 37 anos que meu marido não se confessava, e meu filho, 18. Pedi a Mons. Escrivá de Balaguer a sua intercessão, com todo o meu coração, e os dois concordaram com muito gosto, tendo recebido o Senhor devotamente.

X.X., de Guatemala (Guatemala)

Num casal, com 25 anos de casados, surgiu um problema muito grave que os levava à separação judicial. Recorreu-se ao Padre e, milagrosamente, o marido reconsiderou a sua decisão e foi possível a reconciliação.

A.A., do Porto (Portugal)

Entreguei a minha tia, que não frequentava os Sacramentos, uma estampa de Mons. Escrivá de Balaguer. Algum tempo depois me disse: "Já sabe do milagre que o Padre fez? No sábado passado confessei-me e comunguei, depois de quarenta e oito anos".

X.X., de Montevideu (Uruguai)

Um amigo muito querido levava uma vida como a de Santo Agostinho antes da conversão. Pedi por ele ao Padre. Mudou tanto de vida, que se casou na Igreja e faz apostolado.

J.P. de C., de Paris (França)

Estávamos muito preocupados, eu e minha família, com um problema que nem nos deixava dormir. Um parente entregou-nos uma estampa com a oração a

Mons. Escrivá de Balaguer. Rezamos uma novena, e outra... e outra. Quase perdidas as esperanças, esse parente nos disse que no dia 9 de janeiro, aniversário de Monsenhor, devíamos pedir-lhe um presente. No dia seguinte, dia 10, recebemos o seu presente, com a solução do problema. Envio um donativo, e minha recomendação a todos as pessoas necessitadas para que recorram à sua proteção.

A.G., de Quito (Equador)

Uma de minhas irmãs já tinha sofrido três operações da coluna. O médico tinha-nos prevenido que não resistiria a outra operação e que, se recaísse, poderia acabar seus dias numa cadeira de rodas. Há pouco tempo, notamos que começava de novo a sentir dores nas costas e que nem era capaz de sentar-se numa cadeira normal. Imediatamente toda a família começou uma novena a Mons. Escrivá de Balaguer. No último dia da novena, minha irmã nos comunicou que já não tinha nenhuma dor e que se sentia curada. Desde então temos distribuído muitas estampas, para que também outras pessoas recorram à intercessão de Mons. Escrivá de Balaguer.

X.X., de Montreal (Canadá)

Nós formávamos um grupo de moças que procuravam ajudar as meninas católicas de um colégio; mas a Diretora, que se opõe diretamente à Igreja Católica, levantava muitos obstáculos: não lhes dava tempo para se confessarem, marcou a hora do jantar para uns minutos antes da Missa, etc. Pedi a Mons. Escrivá de Balaguer que intervisse. A Diretora já consentiu numa mudança de horário para que possam assistir à Missa aos domingos pela manhã, e lhes deu tempo para se confessarem.

U.O., de Nairobi (Quênia)

Meu marido estava afastado da fé há muitos anos. Durante todo este tempo, rezei por ele. Comecei ultimamente uma novena a Mons. Escrivá de Balaguer. No domingo passado, disse-me de repente: "Vou-te acompanhar à Missa". É como um milagre.

X.X., de Zurique (Suíça)

No ano de 1975, em que meu marido ficou sem trabalho por vários meses, quando víamos tudo muito complicado e sem solução, comecei a novena a Mons. Josemaría Escrivá de Balaguer, e um dia depois de a ter terminado foi-lhe oferecido um emprego.

No ano em curso, meu marido ficou novamente sem trabalho, comecei a novena outra vez, cheia de fé, pois sabia que o Senhor, através da Virgem Santíssima e de Mons. Escrivá de Balaguer, ouviria o meu pedido. Quando as coisas pareciam definitivamente ruins, ofereceram a meu marido um bom trabalho, fora do México, como nós desejávamos.

M.V. de R., de México D.F. (México)

Quase todos os fiéis da paróquia de Momoyama receberam a Folha informativa. Uma senhora que, junto com a família, não ia à igreja há tempos, sentiu-se impelida, por uma série de coincidências, a ler toda a Folha. No domingo seguinte, apareceu com a família na igreja, desejando voltar a receber os Sacramentos. O pároco não sai do seu assombro.

L.L., de Kioto (Japão)

Agradecemos as numerosíssimas cartas que nos chegam. São um testemunho da devoção privada com que tantas pessoas, em todo o mundo, rezam a Deus Nosso Senhor, tomando por intercessor Mons. Escrivá de Balaguer. Aqui reproduzimos somente, por exigência de espaço, trechos de algumas delas, que relatam acontecimentos importantes ou episódios singelos.

Também agradecemos — ante a impossibilidade de fazê-lo nominalmente — as esmolas que nos enviam para colaborar nas despesas de edição e distribuição desta Folha Informativa, e para ajudar a desenvolver as obras apostólicas promovidas sob o impulso do amor às almas de Mons. Josemaría Escrivá de Balaguer.

Caminho

“Monsenhor Escrivá de Balaguer escreveu algo mais do que uma obra prima: escreveu inspirando-se no seu próprio coração, e é também diretamente ao coração que chegam os breves parágrafos que, como versos soltos, mas completos, formam CAMINHO..., em que não aparece a rigidez desconfiada de um “código”, mas, pelo contrário, a fraterna e ardente indulgência do Autor, a paterna solicitude com que vê, compreende, corrige, persuadindo e não ameaçando” (De “L'Osservatore Romano”, 24-III-1950).

A primeira edição deste livro saiu em fevereiro de 1934 (Cuenca, Imprenta Moderna), sob o título de **Considerações Espirituais**. Desde então, as edições foram-se multiplicando rapidamente, alcançando, em abril de 1977, um total de 138 edições, em 34 línguas e 2.637.075 exemplares.

Santo Rosário

Livro de meditação sobre cada um dos 15 mistérios da vida de Cristo e da Virgem que se contemplam ao rezar o Santo Rosário.

A primeira edição foi publicada também em 1934. Desde então, apareceram 40 edições em dez línguas.

Questões atuais do Cristianismo

Várias revistas e jornais dirigiram perguntas concretas a Mons. Escrivá de Balaguer, tocando os temas de maior importância para os seus leitores. Mons. Escrivá de Balaguer respondeu por escrito e exaustivamente às perguntas que lhe fizeram. Neste livro reúne-se o texto completo daquelas entrevistas.

A primeira edição foi publicada em 1968. Desde essa data, foram publicadas 27 edições em sete línguas.

E' Cristo que passa

O livro reúne algumas das muitas homilias pronunciadas por Mons. Escrivá de Balaguer ao longo de sua vida. Constituem uma profunda e sugestiva exposição da doutrina e da vida cristãs. Na forma fundem-se a profundidade teológica e a clareza de exposição.

A primeira edição deste livro é de março de 1973. Até abril de 1977 apareceram 26 edições em seis línguas.

La Abadesa de las Huelgas

Uma investigação penetrante sobre um caso extraordinário de jurisdição quase-episcopal por parte da abadesa do famoso mosteiro de Burgos, realizada com base nas fontes e documentos originais.

A primeira edição foi publicada em 1944. A segunda é de 1974.

(Pedidos às livrarias)

ORAÇÃO

para a devoção privada

Ó Deus, que concedestes inumeráveis graças ao vosso servo Josemaría, sacerdote, escolhendo-o como instrumento fidelíssimo para fundar o Opus Dei, caminho de santificação no trabalho profissional e no cumprimento dos deveres cotidianos do cristão, fazei que eu saiba também converter todos os momentos e circunstâncias da minha vida em ocasião de Vos amar, e de servir com alegria e com simplicidade a Igreja, o Romano Pontífice e as almas, iluminando os caminhos da terra com o resplendor da fé e do amor. Dignai-Vos glorificar o vosso servo Josemaría, e concedei-me por sua intercessão o favor que Vos peço... (peça-se). Assim seja.

Pai Nosso, Ave-Maria, Glória.

Em conformidade com os decretos do Papa Urbano VIII, declaramos que com esta **Folha informativa** em nada se pretende prevenir o juízo da Autoridade eclesiástica, e que esta oração não tem finalidade alguma de culto público.

Esta **Folha informativa** é distribuída gratuitamente. Os que desejarem contribuir com suas esmolas para as despesas de edição e de envio desta publicação, podem remeter esses donativos, por vale postal ou por cheque nominal, à **Vice-Postulação do Opus Dei no Brasil**, Av. Prof. Alfonso Bovero, 239, CEP 01254, São Paulo, SP.

Agradecemos aos nossos leitores que nos enviem os nomes e os endereços de pessoas que possam estar interessadas em receber esta **Folha informativa** ou estampas com a oração para a devoção privada.